

A literatura enquanto espelho da alma: um olhar reflexivo sobre O Alienista

Josenilson Cavalcanti Catolé Júnior¹

José Eduardo Gonçalves dos Santos²

Resumo

O presente artigo investiga sobre as dimensões do caráter reflexivo propiciado pela literatura, procurando compreender como o espaço literário pode promover um caminho para o desenvolvimento da auto-observação através da identificação do sujeito com personagens de uma obra. O fundamento deste estudo se baseia na obra O Alienista que, ao tratar da loucura sob um formato narrativo, viabiliza o sujeito-leitor a pensar sobre si mesmo e consequentemente olhar para a sua alma, ou seja, o ser enquanto dimensão subjetiva. Dessa forma, considera-se para o intento que o pensar sobre si mesmo poderá servir como catalizador do desenvolvimento subjetivo do ser que, consequentemente, favorecerá o sujeito pelos diversos caminhos da jornada chamada vida. Para articular as ideias desse trabalho, compreende-se as elaborações desenvolvidas por: Pucheu (2007), Rosenfeld (2009), Candido (2012) e Barthes (1977). Este estudo é uma pesquisa e um desenvolvimento teórico de natureza qualitativa, que toma como fundamento livros, artigos científicos e produções correlacionadas. Constatou-se por fim, que a literatura pode favorecer um processo reflexivo, uma vez que há a possibilidade de advir da mesma o fenômeno da identificação do sujeito-leitor com os personagens, o que é propiciado pelo vínculo formado através das características que os referidos apresentam.

Palavras-chave: Literatura; Personagem; Reflexão; Subjetividade.

¹ Acadêmico do curso de Letras - Português/Inglês do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA, josenilson.201921022@univisa.edu.br

² Professor do curso de Letras - Português/Inglês do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA, eduardodosantos@univisa.edu.br

1 Introdução

Pensar a existência do ser humano é visualizar o que o constitui e quem ele é. Por constituição, pensa-se em um aglomerado atômico em articulação com funções subjetivas, que por espécie chama-se *homo sapiens sapiens*. Para responder quem, um caminho pode ser o social, pois é através da relação com os seus semelhantes e suas respectivas nomeações e identificações, que se dá o processo de reconhecimento de si. Há de se notar, entretanto, que o ritmo moderno social das massas tem caminhado para um processo de desconstrução do sujeito, que fomentado pela busca incessante do imediatismo, vem pôr em dúvida a suposta certeza de ser um homem que ‘sabe o que sabe’, pois vai se esvaziando pelo não exercício da reflexão, tornando-se uma repetição.

Pensando no ser humano enquanto membro social, sua função de ser um sujeito em meio a uma coletividade parece se nublar, pois se não reflete sobre si, apenas repete. A repetição acontece como numa roda interminável que, na busca por afeto, retransmite-se imagens, textos etc., como visto nas principais redes sociais virtuais (*Instagram, TikTok* etc.), como uma forma de seguir “[...] estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências.” (BAUMAN, 2011/2000, p. 32). Tais estratégias podem ser uma tentativa desesperada de suprir dependências ou carências internas.

É sabido que para o sujeito-leitor novos prismas se descortinam, pois pensando na literatura enquanto uma representação de um mundo, o mesmo é ofertado como um genuíno presente aos que bebem dessa fonte; trata-se da possibilidade de reintegração social e desenvolvimento interpessoal viabilizados através da relação de identificação subjetiva com a obra, o que propicia a alteridade, bem como possibilita ao sujeito estabelecer um diálogo consigo mesmo, pois todo livro é um convite ao exercício do pensar.

Cada pensamento que se transforma em letras é uma manifestação do interior do escritor, seja de ordem factual ou ficcional, é a transição da subjetividade (gerada através das impressões daquele que escreve) para a objetividade que se clarifica em representações de signo ou código que trás em si um convite à dúvida e à reflexão. Um convite condicionado à consideração de que “[...] os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; [...] em cada signo dorme

este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua.”. (BARTHES, 1977, p. 4).

Aquilo que se arrasta é o sentido nascido do encontro de subjetividades, uma vez que quando o sujeito se propõe à leitura e toma para si a tarefa do desvendar linguístico do código de letras ali exposto (no livro), ele começa a movimentar em si um processo de retorno: do objetivo e concreto (ex.: palavras de um livro) para o subjetivo e abstrato (relações de significado). Retorno a si, ou para a além de si, pois subjaz na apreensão de conteúdo gerada pela leitura do sujeito-leitor a representação de um mundo retratado pelo escritor.

Na busca pela compreensão do que afeta o ser na literatura e de como esse afeto pode ser impulsionador de um pensar sobre si, é válido ressaltar primeiramente que para Barthes (1977, p. 6): “[...] a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens.”, sendo este saber do campo do inquirido, da reflexão, que mais do explicar, questiona, não limita, expande. Justamente por saber algo, ou seja, conter traços que são comuns à humanidade (ódio, vingança, incerteza, amor, felicidade, coragem etc.), que a literatura pode vir a ser um canal ou espelho do ser, sendo o sujeito-leitor aquele que se dispõe a seguir o rastro, daquilo que parece ser indizível em si, mas que encontra ressonância no outro, o personagem literário.

Para desenvolver o pensamento de como se dão as relações subjetivas entre o leitor e os personagens literários ou a obra literária como um todo, escolhe-se para o desenvolvimento e análise neste estudo, *O Alienista*, de Machado de Assis (2019, 1881). A obra trata sobre uma temática que é cara ao ser humano, mesmo que por tantas vezes evitada, a loucura, versada na obra através de um formato narrativo. Essa forma de elaborar um texto, através de uma sequência de fatos que convidam à ponderação e a temática, convidam o sujeito-leitor a pensar sobre si mesmo e conseqüentemente olhar para a sua alma, ou seja, o ser enquanto dimensão subjetiva.

A obra versa sobre as façanhas de Simão Bacamarte, médico que procurará a classificação da loucura e a delimitação da mesma, sendo o contexto principal permeado pelas relações existentes entre o referido, aqueles que lhe são próximos, e personagens eminentes em sua cidade. Ressaltando-se para tanto os acontecimentos ocorridos na

Casa Verde (o hospício que O Alienista realiza os tratamentos mentais), e as associações principais com Dova Evarista (a sua esposa).

Ao pensar em Bacamarte, Gomes (1993, p. 2) se refere a ele como um “Cavaleiro andante e desbravador, tomado de ‘volúpia científica’.”, que tem em sua Casa Verde um “[...] templo e ele é o sacerdote [...]”, que sobre todos que estão relacionados exerce o seu fascínio, ou poder, com um direito supostamente justificado, pois a “[...] ciência, que vive em seu espírito e em cada detalhe de seu corpo, assegura suas imunidades.” (*ibid.*). Sendo a ciência o norte na obra e tomada como a representação da verdade.

Essa apresentação da plenitude do saber de si e a certeza sobre um discurso pode dialogar com o sujeito-leitor, abrindo a possibilidade para que o supracitado se questione, pondo-se a duvidar de si mesmo, uma vez que se depara com o muro que é um pensamento inabalável, que por tamanho excesso de certezas, abre caminho para a vacilação. Salienta-se que a loucura se encontra justamente no romper do obscuro e finíssimo fio consciencial que separa a razão da incerteza, conforme é retratado no livro com as captações de pessoas (que tem a sanidade questionada), por parte do Alienista, para o seu hospício.

2 Em defesa da literatura

Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor tátil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários,
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lançá-los pra fora das janelas
(Talvez isso nos livre de lançarmo-nos)¹

Em uma época em que os livros, pilares da construção social, parecem estar mergulhados em um momento de grande incerteza, com sua serventia posta em dúvida, é preciso que se abordem argumentos para a defesa do patrimônio cultural representado pela literatura. Serão tratados aqui, os fundamentos políticos e psicológicos, tendo em

¹ Livros (1997), Caetano Veloso

vista validar e fundamentar a necessidade do apreço à literatura enquanto caminho propício para a reflexão do ser sobre si mesmo.

2.1 Do fundamento político.

Como um ponto de partida e estrada para o trilhar de uma vida, a atividade literária, que é uma das mais nobres expressões da alma (ser subjetivo), deve ser dignificada, pois contém em si, a potencialidade para o desenvolvimento moral, intelectual e social do homem, uma vez que a mesma permite a livre expressão; o que corrobora com o pensamento de Antonio Candido (2012, p. 82), ao indicar que a literatura “[...] exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.”

Se exprimir é dar vazão ao ser subjetivo, que observando e absorvendo o mundo, sente a necessidade de fazer circular sua ótica através da palavra, encontrando na literatura uma forma de indignação e embate à repressão. É sabido que os poderes políticos, ao longo da história, por tantas vezes quiseram silenciar a voz do sujeito, cessar o pensar, pois é através da linguagem que o ser individual se torna ser social: questionador, refletidor, que não aceita ser mera expressão do outro, mas quer ter sua expressão.

A voz do homem é ele mesmo em atuação, em comunicação, em representação na comunidade; voz que sofre constantes tentativas de supressão por um poder político estéril, pois sua “[...] essência consiste na dominação dos homens, qualquer que seja a ideologia que o mascare.”, conforme pensa Octavio Paz (1982, p. 351). De forma que a literatura também é combate, é indignação, é rebeldia contra um sistema que oprime o sujeito, que o quer calar, transformando-o em um rebanho de gente, maleável e direcionável. Podendo-se pensar em um livro como um suspiro em meio ao sufoco, como uma lâmpada inspiradora em tempos enevoados, assim como espadas e/ou cabos para o sustentar de espadas que enfrentam a opressão social.

Ao representar a si ou a um mundo, o literato, aquele que é um artesão das palavras, possibilita ao ser humano confirmar a sua humanidade (CANDIDO, 2012, p. 81) através da capacidade de autoexame e reflexão de seu espaço, passando da passividade à atividade social. Quando um livro é escrito, com ele é pensada uma realidade, que descrita ou questionada, elabora e representa o ser humano no campo

social, o alavancando à política, que encontra sua função na literatura através da possibilidade do desenvolvimento de um meio favorável ao sujeito-leitor de recuperar a sua voz através da leitura e dos vislumbres e chamadas ao real que esta oferece.

2.2 Do fundamento psicológico.

Em se tratando de abordar a dimensão psicológica ou individual do ser humano, versar sobre a sua subjetividade ou o seu mundo interno, é abrir pontes para encontrar uma profunda ligação com a literatura, que nas palavras de Candido (2012, p. 82-83) tem base em uma “[...] espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares.”.

A existência desta necessidade subjetiva não é um privilégio do intelectual ou do acadêmico, pois nota-se a sua ocorrência tanto no homem instruído quanto no analfabeto, bem como no homem primitivo ou no civilizado (*ibid.*). As histórias contadas pelo homem primitivo são exemplos desta manifestação psíquica, bem como os relatos da vida que mesclam elementos da realidade com a imaginação presentes nas redes sociais do mundo informatizado. O que leva à justificação através da compreensão de que o homem não é somente um ser racional, objetivo, pois também o é formado por abstrações, e que sempre desenvolverá uma forma elaborar-se.

Pensando ainda na necessidade de ficção, considera-se que essa pode estar atrelada à busca da humanidade em representar o real, mesmo que este escape à representação, pois é a coisa em si, podendo-se somente falar do referido, sendo justamente pelo desejo dos homens em querer “[...] constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura.”. (BARTHES, 1977, p. 7). Por real entende-se o fator empírico, a realidade, ou seja, a natureza (em toda a sua completude), que encontra na literatura uma de suas principais formas de apresentação, uma vez que o conteúdo literário pode operar como um canal propício e convidativo, que é viabilizador da liberdade de escrita, ou seja, da expressão.

3 O nascimento da auto-observação a partir da reflexão literária

Encruzilhada, a literatura é a explosão do ponto, ou, caso se prefira, o próprio ponto, sem o que lhe é anterior e posterior. Encruzilhada, a literatura: o ponto. De fusão. De confusão. De indiscernibilidade. Encruzilhada: literatura: a explosão do ponto – o ponto como explosão. Encruzilhada: literatura: corpo: vida: imediação. Literatura: uma saída de imergência para a indiscernibilidade da encruzilhada.¹

Encruzilhada, como pensa Alberto Pucheu (2007, p. 30), é a literatura, sendo, pois, é um ponto de interrogação, de exclamação, um ponto que também pode ser ponte, depende do sujeito, da necessidade deste. Mas qual necessidade? A da vida, que é representada pela literatura ou que representa esta última, como saída de imergência, conforme destaca o poeta, entrada em si, ou no mundo, o sujeito em diálogo consigo mesmo ou com o que está além dele, tendo na literatura a ponte de conexão entre a sua subjetividade e a realidade externa.

A realidade interna (do sujeito) e a externa (o mundo empírico em si) são indissociáveis, uma vez que trabalham em laços de afeto, ou seja, aquilo que está relacionado e que provoca modificações (ou afetações) mútuas. Relações ocorridas a partir dos afetos que a literatura opera, podendo atuar como em um teatro de marionetes, sendo a literatura os próprios bonecos e as cordas que os manipulam o sujeito, bem como a audiência também podendo fazer o papel de sujeito. Elaborando assim o teatro da vida, em suas múltiplas formas e desenvolvimentos.

Pucheu (*ibid.*) considera que “[...] a literatura intensifica suas forças [da vida] para que elas possam nos afetar, [...] para que elas possam aniquilar nossos próprios nomes de modo que as intensidades de vida nos atravessem e risquem, em nós, seus novos nomes [...]”. Nomes que passarão a ser nossos por compatibilidade subjetiva, sobrepondo e transformando, retocando ou aniquilando, em pleno movimento dinâmico que constitui a vida.

Pensando no teatro de marionetes, o sujeito que assiste a uma representação da vida pode pensar a própria vida, pois se vê manifestado nos personagens que representam. Uma manifestação nem sempre prazerosa, uma vez que “A literatura se confronta com nossa individualidade, enfrenta-a, ataca-a.” (*ibid.*, p. 31), sugerindo desta forma um encontro da ordem do inesperado. Contudo, um encontro que vem a

¹ (PUCHEU, 2007, p. 30)

desenvolver laços de identificação a partir de características singulares que entraram em contato imediato com a sua subjetividade.

Nota-se que este processo de identificação pode acontecer mesmo fora de vista (fora da consciência objetiva), conforme é sabido que grande parte das pessoas são afetadas de alguma forma ao ler um livro, podendo-se perceber somente depois o que foi afetado. De forma que “Se, em seu caminho vital intensivo e progressivo, a literatura acaba por nos desguarnecer, por nos desproteger, por dissolver nossa solidez, [...] por nos decompor, por nos esfumar, por nos apagar, por apresentar lacunas em nós, por nos desfigurar totalmente...” (*ibd.*, p. 32), é uma consequência inesperada, que para além de perecer, desestabiliza, treme, não obstante abre possibilidade para transformações internas.

Esses laços de identificação têm potencial para gerar no sujeito uma auto-observação que poderá trazer uma reflexão sobre si, sendo o caminho deste processo legitimado pela consideração da existência subjetiva do ser humano. A subjetividade comporta em si emoções, opiniões, pensamentos e todas as demais particularidades de uma pessoa, que não estão isoladas, não é uma subjetividade enclausurada, ensimesmada, mas que interage com e no mundo, de forma sutil ou não, a depender da singularidade e da posição que cada sujeito ocupa.

O afeto literário se dá através da conexão existente entre pontos de similaridade existentes entre sujeito e personagens de uma obra ou a obra como um todo, como é facilmente compreendido: se um sujeito lê um livro que traz um personagem que apresenta um comportamento de raiva exacerbada, é provável que lembre de alguma situação sua que também se comportou de forma semelhante, gerando a partir disto um processo de identificação, posterior e possivelmente de reflexão sobre si, como consequências indefinidas.

Este processo de identificação do sujeito com os personagens funciona como um sujeito que encara espelhos, e que “[...] espelhando superfícies, corpos, imagens, refletirem, através de um plano de intensividade progressiva, uma atemporalidade, [...] refletirem o que não tem forma, o informe, o monstruoso, assustador.” (*ibd.*, p. 33). A informe subjetividade, que sendo forma procurar ocupar-se de encontrar uma fôrma, uma identificação e uma correspondência para dar sentido a si, para refazer-se o próprio

sentido e assim, nascer, ou renascer, quantas vezes for preciso, quantas vezes forem escritos livros literários que possam servir de ponte.

4 A subjetividade humana em ponte com os personagens de O Alienista

4.1 Prolegômenos:

Na contramão dos limites compreendidos entre razão e loucura, O Alienista é uma obra que explora o campo do ser humano enquanto definição, uma vez que coloca em jogo conceitos e representações do que seria a loucura, caminhando por uma trilha inesperada, que se refaz à medida em que se desenvolve. Sendo este movimento operado através de “[...] uma série de planos, dos quais o único real, sensivelmente dado, é o dos sinais tipográficos impressos no papel. (ROSENFELD, 2009, p. 7). Os sinais são as palavras que encontram articulação em meio ao diálogo subjetivo efetuado com o sujeito-leitor.

A leitura de O Alienista propicia uma constante reflexão, ou talvez certa confusão, tendo em vista que não deixa claro a linha que divide a realidade da ficção, deixando o referido leitor incerto do que se trata a narrativa, podendo ver sentido se considerar que há um caminho da ordem da representação em um “[...] mundo fictício ou mimético que freqüentemente [*sic*] reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra [...]”, conforme pensa Rosenfeld (2009, p. 8).

As interpenetrações sofridas pelo real e pelo ficcional não são uma exclusividade do campo literário, e podem ser claramente pensadas através do lembrar de uma pessoa diante de um fotógrafo despretenso, mas que gera no sujeito uma tendência a compor-se, tomar uma pose, tornar-se “personagem” (*ibid*, p.10). Personagens que serão abundantes ao longo de toda a obra e que parecem quer nos dizer algo sobre nós mesmos a cada instante.

4.2 Análise dos personagens:

Para a melhor compreensão de como se dá a obra (O Alienista, 1882/2019), escolhe-se a análise de dois personagens principais e de uma localidade fictícia que está no cerne dos eventos relatados através do livro. Tal descrição obtida através da

reprodução de trechos da obra permitirá estabelecer ligações entre a referida, seus personagens e o fator da subjetividade humana, de forma a desenvolver uma elaboração prática do pensamento de que os personagens e/ou a obra como um todo podem favorecer o processo de reflexão subjetiva do sujeito-leitor através do convite à autoanálise promovida pela identificação.

Segue uma reprodução fiel de trechos da obra em articulação com comentários, não pretendo-se para tanto, propiciar ampla e completa demonstração dos personagens/localidade, uma vez que isso só pode ser obtido através da leitura da obra inteira, mas trazer luz sobre os principais aspectos destes.

a) A Casa Verde:

A Casa Verde é o local por excelência do enredo da obra, tendo em vista que a mesma serve como motivo para grande espanto na população/admiração de Itaguaí (cidade em que se localiza). Trata-se de um sanatório mental, também conhecido pela denominação de manicômio, que a princípio, e nas palavras do personagem principal Simão Bacamarte, se objetiva pelo estudo da loucura, conforme se lê: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal.” (p. 25).

Tal objetivo parece não ser amplamente compreendido entre os moradores de Itaguaí, cidade em que a obra é narrada, à medida que vão sendo internados os mais diversos moradores da cidade, dos mais reclusos aos mais conhecidos, sendo até mesmo temida como prisão, conforme visto em: “A Casa Verde é um cárcere privado – disse um médico sem clínica.” (p. 50), deixando de ser vista como local de tratamento para local de trancafiamento. Corroborando com outra nomenclatura dada mais à frente na obra: “[...] ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – “Bastilha da razão humana”, – achou-a tão elegante, que mudou de parecer.” (p. 59), inferindo-se, portanto, o temor dos moradores em ser “digno” de ser internado nesta “prisão”, desejando-se mais ainda, a queda da mesma, conforme entendido ao utilizar o termo Bastilha, o que faz referência à derrubada de uma prisão medieval, evento histórico ocorrido na Revolução Francesa (1789).

Quase ninguém escapava deste local que a todos absorvia, como percebido em: “Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura.” (p. 88) e em “Se um homem era ávaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental.” (p. 88). Justificada era, desta forma, o temor, ainda mais quando as mais simples características humanas eram vistas como loucura, hospitalizando-se de imediato grande parte dos moradores como notado em: “Fez-se uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc.” (p. 107).

Ao se tratar de efeitos de cura das internações da Casa Verde, conforme compreendido na explicação do fundamento da teoria da terapêutica da loucura descoberta pelo Dr. Bacamarte: “Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo.” (p. 113), grandes eram os resultados, o que foi comprovado através do relato de que “No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados!” (p. 113).

Por fim, as teorias da loucura caminharam para a culminância quando Casa Verde abrigou o seu próprio fundador, como relatado: “Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizemos cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.” (p. 116).

A Casa Verde, mais do que mera localidade, é o plano de fundo para os experimentos da loucura. Nota-se que uma casa não é apenas uma moradia, um local de recepção, mas carrega em si o potencial para encobrir ou servir de meio para um sujeito. Se em um primeiro momento a citada é uma incógnita, logo se torna motivo de estranhamento e temor, que gerará desejo de sua derrubada, mas que como instituição do coletivo, que está acima da individualidade, permanece firme, e passa a ser admirada.

Recriminada quando nela se internava pessoas, louvada quando dela saíam curadas, assim como a conveniência humana, que classifica como bom ou mau as coisas

que entra em relação por mera questão de ser útil ou de servir ao propósito. Sendo este ponto da conveniência que é a ponte com o sujeito-leitor, levando-o a uma reflexão de si e de suas escolhas, pois a casa atua como uma representativa do palco da vida.

b) Simão Bacamarte:

Quem seria capaz de desafiar os alicerces do edifício ser humano em sua estrutura mais fundamental: a razão? O Dr. Simão Bacamarte, estudioso, intelectual, pesquisador e fiel à ciência, conforme lido em: “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência;” (p. 35). Certo de seu caminho, Bacamarte dá prosseguimento ao seu desbravar da loucura, começando com um questionamento de que: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” (p. 39). Uma dúvida que se expande por uma área delicada, pois entra em contraposição à maior certeza do homem e da sociedade, a integridade de si. De maneira que este personagem irá criar um local para o estudo da loucura, nomeada por Casa Verde.

Para fundamentar tal empreitada, nota-se que o “continente” da loucura abrigava muitos, pois “No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. “Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí [...]” (p. 39). Como toda teoria carece de exemplificação, de demonstração prática, o Dr. preferiu, a princípio, fazer alusão a personagens históricos, reconhecidos, evitando desta forma causar comoção na cidade.

Grandes nomes eram referidos: “Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas.” (p. 39). Pessoas que demonstravam certo grau de loucura, ou seja, apresentavam comportamentos incomuns. Estabelecendo assim, uma teoria que teria como fim exaltar a razão e demarcar a loucura, conforme escrito em: “[...] – Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; [...]. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.” (p. 40).

Simão Bacamarte, enquanto cientista, era dotado de uma personalidade gélida, talvez um tanto insensível, ou possivelmente não demonstrava amplamente seus sentimentos, sendo “[...] frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona, que caiu neles e desmaiou.” (p. 50); a dona era sua esposa, que regressando à casa, ficou emocionada ao vê-lo.

Em frente na busca por uma teoria que satisfizesse a compreensão da loucura, chegou-se a um ponto em que “Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doudo.” (p. 52), levando alguns cidadãos a questionarem se os métodos do alienista eram adequados ou se mesmo tinham validade, chegando a pensarem da seguinte forma: “[...] quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (p. 59), sendo a fala de um vereador. Um movimento de repúdio à Casa Verde e sua personalidade de destaque começou a ser gerado ao ponto de chegar em um momento de ápice, com munícipes movimentando uma revolução.

A crise não durou muito e logo o alienista teve seu respeito recuperado, chegando a levar ao internado de seu hospício um dos vereadores apoiadores do movimento, conforme: “Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício.” (p. 86).

Mas o poder e o reconhecimento não são eternos, e quando se pensou que “[...] não havia [mais] loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só mentecapto. (p. 115), o Doutor elaborou que talvez, ao contrário, “Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado?” (p. 115). De forma que considerou que, na verdade, ele próprio era o doente, e “[...] curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde.” (p. 115).

Simão Bacamarte, chamado de Alienista (como eram conhecidos os psiquiatras), tem um caráter determinado, duro, mostrando-se tantas vezes inflexível em sua ideia de estabelecer posições definidas para a loucura e para a razão. Imparável, sobre tudo e todos, até mesmo por sua esposa, afastando-a e internando-a. Ninguém refreava a sua idealização e nem mesmo o próprio, pois tomou-se como objeto útil de seus estudos, o que demonstra até que ponto uma ideia pode levar um homem.

O sujeito-leitor, quando acompanha a narrativa, pode entrar em conflito consigo e se questionar quais os limites de sua própria sanidade, o que estaria disposto a arriscar na busca da manifestação de uma ideia, ou que já arriscou, perguntando-se ainda se não tem dentro de si um tanto de insanidade e que por isso, o faz ser singular.

c) Dona Evarista:

A esposa de Simão Bacamarte, possuidora de “[...] condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.” (p. 19-20). A mesma aparece em diversos momentos da obra como apoiadora ou mediadora dos atos do Alienista, sempre referida com relação a ele, como se fosse uma parte indissociável e dependente do mesmo.

Era vista como a “[...] feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores.” (p. 22), contudo não exatamente desta forma por Simão, pois em dado ponto da narrativa a encaminhou para uma viagem, a fim de que pudesse concentrar toda sua atenção no projeto da Casa Verde. Era possuidora de grande admiração pelo marido, conforme é percebido quando de seu regresso e encontro com o mesmo: “O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. (p. 50).

O regresso da viagem concomitou com um movimento de revolta que estava acontecendo em Itaguaí, quando os cidadãos já estavam a temer as façanhas do Doutor bacamarte, e Dona Evarista viria a ser “[...] a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. (p. 50). A senhora então alcança ainda maior admiração, sendo fortemente louvada pelos da vila, ao ponto em que em um jantar de boas-vindas, a mesma “[...] foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. Ela era a esposa do novo Hipócrates, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas [...]” (p. 51).

Não bastante toda a dignificação feita, foi alvo de um homenageador discurso, onde era dito que “[...] Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa), Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista.” (p. 51-52). Palavras que feriram profundamente o ego do Alienista, que imediatamente condenou o orador ao internamento.

No avançar da história, e como era de se espera, Dona Evarista também é internada, e “[...] a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. (p. 89). Tendo encontrado motivo através de uma profunda dúvida entre uma peça de vestuário (colar) para uma festa, como relatado que a mesma “Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira.” (p. 90). Tal escolha a levou a inquietações e seu marido concluiu que “[...]o caso de D. Evarista era de “mania suntuária”, não incurável, e em todo caso digno de estudo.” (p. 93), vindo posteriormente a ser liberada.

Dona Evarista, através de suas diversas atuações, cumpre um papel de esposa, consorte e amparadora, com poucos relatos de embate ao marido. A mesma em tantos momentos foi colocada em posição de objeto útil, sendo aclamada somente neste momento, em que servia a algum propósito, vista por Dr. Bacamarte como corpo propício à geração (o que foi frustrado) e pelos demais personagens também como útil, para os fins deles.

Em reflexão, possivelmente poderá pensar o sujeito-leitor, através dos movimentos desta personagem, a questão de sua valorização, se o mesmo é digno de ser louvado somente quando é útil (útil para quem?), que atenção tem dado a si mesmo. Um outro ponto também é o fator da ação, se ele tantas vezes não foi omissor, diante do desejo de representar um papel, ao exemplo, social.

5 Considerações finais

Uma vez delineado o arcabouço teórico, a base será bem constituída, no que tange ao processo de entender as possíveis relações existentes entre literatura e sujeito, para que, ao fim, seja possível manifestar o produto, ou filho, ou seja, o sujeito-leitor.

Não fim no sentido de término, mas como encerramento de um ciclo que se dá através da constituição de uma ótica sobre a literatura. Ou que talvez seja necessário mesmo um fim, não à literatura, mas ao sujeito, ou ao menos parte do sujeito, pois tantas vezes é preciso desfazer para então se reconstruir, como professam as grandes religiões.

Muito mais do que meros manuais de moral e de conduta, a literatura tem uma razão de ser questionadora, e necessária. Por quantas vezes o sujeito, pensando ter plena consciência de si, fica cego a um caminho, achando-o único e inexorável, desejando até mesmo que seus semelhantes o sigam. A história humana está repleta destes casos, e aí, especialmente aí, vem a literatura-bomba, para conscientizar os que estão cegos e dá voz para quem não a tem.

Fala, palavras, som, imagem, enfim, literatura, enfim ser humano, que se recostura, costura a realidade, externaliza aquilo que vem de dentro, da subjetividade, por vezes tão ofuscada.

6 Referências

ASSIS, M. de. **O Alienista**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019/1981.

BARTHES, R. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. Pronunciada em 07 jan. 19977. São Paulo: Cultrix, 2022.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 21 set. 2022.

GOMES, R. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social** [online]. 1993, v. 5, n. 1-2, p. 145-160. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84953>>. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84953>. Acesso em: 21 set. 2022.

PAZ, O. **O Arco e a lira**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1982.

PUCHEU, A. **Pelo colorido, para além do cinzento**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

ROSENFELD, A. Literatura e Personagem. *In: A personagem de ficção*. CANDIDO, A. *et al.* São Paulo: Editor Perspectiva, 2009.

VELOSO, C. **Livros**. Brasil: Phillips, 1997. 53:59.

ZYGMUNT, B. **Modernidade líquida** [Edição eletrônica]. Rio de Janeiro: Zahar, 2011/2000.